ASPECTOS FONOLÓGICOS DOS TRAÇOS DE LÍNGUAS AFRICANAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Francisco da Silva Xavier (Universidade de São Paulo)

ABSTRACT: *The aim of this paper is to present some phonetic and phonological phenomena triggered by the contact of African languages with Brazilian Portuguese and to bring the matter of the specificity of this language up to discussion on African linguistics studies.*

KEYWORDS: *African languages, linguistic contact; phonology; Brazilian Portuguese*

0. Introdução

A constituição e especificidade da língua portuguesa falada no Brasil (PB) poderiam encontrar origem no contato lingüístico-social entre diversas etnias representadas por portugueses, indígenas, africanos e imigrantes ou ser resultado da deriva interna à própria estrutura da língua.

As posturas divergentes que se assumem nos estudos lingüísticos, segundo os quais a presença aloglota provocaria variações e mudanças ou representaria um fato marginal aos fenômenos, revelam que as hipóteses dependem de investigações cautelosas encaminhadas em diversos trabalhos de fonologia e lingüística africana.

Bonvini (seminário de africanistas, USP 2001) mostra uma ligação possível entre o falar brasileiro e os primeiros contatos dos africanos com e brasileiros. Assim, o falante estrangeiro optaria por elementos não marcados entre a língua 1 (L1) e a língua 2 (L2), por cujo processo, entretanto, não chegariam a formar uma língua crioula, como ocorreu com a formação de várias línguas maternas.

Se há marcas estruturais do PB visivelmente distintas daquelas existentes nas variedades dessa língua no mundo, nada há que comprove uma influência de dezenas de línguas africanas (LA) que aqui estiveram. Naro (2000) apresenta dados de traços estruturais do PB estigmatizados já existentes em português europeu não padrão, antes do contato mais profundo com a África.

Quanto ao léxico do PB, não restam dúvidas de que ele contém termos originários de LA, alguns deles, especialmente bantos, já totalmente integrados à estrutura morfossintática e fonológica dessa língua, o que demonstra uma presença mais antiga de línguas bantas em constante ligação com os falantes brasileiros. Palavras como *carimbo*, *cachaça*, *moleque*, *caçula*, *cachimbo* fazem parte do uso comum sem que os falantes as identifiquem como antigos estrangeirismos. As LA vindas no século XIX, tais como o iorubá do Benim, deixaram termos de baixa incidência nos processos derivacionais e, por serem mais recentes, facilmente ganham dos falantes de PB o estatuto de "palavra africana" (cf. "axé", "adarrum", etc)

Este trabalho mostra a intenção futura de pesquisar as restrições fonético-fonológicas que teriam atuado no processo gradual de adaptação e integração dessas

formas à estrutura do PB. Em princípio, descreveremos algumas mudanças fonéticas de algumas palavras, que finalmente sofreram interferência do sistema fonológico da língua alvo.

1. Línguas africanas no Brasil: antigüidade diacrônica e pesquisas encaminhadas

Segundo as estimativas recentes, o continente africano conta com aproxidamente duas mil línguas (não inclusos os dialetos). Mais de quatrocentas são bantas e estão longe de uma classificação segura. Os trabalhos de Guthrie são conhecidas referências de uma tentativa de classificação histórica.

Os estudos de lingüística africana – a africanística – buscam explicações para a questão da presença, participação e possíveis influências dessas línguas na estrutura do PB.

É ponto pacífico entre lingüistas, antropólogos e historiadores que LA eram faladas no Brasil. Alguns dados históricos evidenciam a informação. Na Bahia do século XIX, o número de escravos era superior ao de brasileiros (apud Castro, 1998) Aqueles se movimentavam em quase todos os setores sociais em que se dava a comunicação mais ampla. Até mesmo no ambiente familiar escravocrata, os africanos negros marcavam sua presença. (cf. Rugendas). Assim, é plausível a hipótese de variações lingüísticas deflagradas por contato e pelos usos enunciativos do português pelos falantes estrangeiros.

A gramática do quimbundo de Pedro Dias do século XVII (Petter, 2002) é uma forte evidência de que a presença dessa língua foi significativa na relação entre dominadores e dominados e torna robustos os argumentos para a hipótese de que a diversidade étnico-cultural de Palmares se representava pela utilização de línguas bantas.

Considerando-se também a rota do tráfico de escravos entre os séculos XVI e XIX, nota-se a intensa entrada desses povos. Com efeito, sua história e contribuição lingüístico-cultural banta se assenta como a mais antiga no Brasil em relação à entrada de grupos lingüísticos da África Ocidental, que aportaram no Brasil em meados dos século XVIII e XIX, quando a mineração demandava o que se pode chamar "trabalho especializado" de cem mil escravos do Benim e de Gana. Assim, o léxico do PB conta com palavras das línguas eve, fom e iorubá (cf *acarajé*, *axé*, *ebó*, *vatapá*), historicamente localizadas no terceiro ciclo do tráfico.

O número de línguas bantas (faladas em áreas hoje correspondentes às regiões do Congo, República do Congo, Angola e Moçambique) transplantadas para o Brasil é pequeno, comparando-o como de línguas do grupo Oeste-Africano, mas, sendo o mais antigo, integraram-se profundamente ao PB. Assim, palavras advindas do sub-grupo Banto são mais numerosas que as do sub-grupo *kwa* e Benuê-Congo, apresentando grande produtividade nos processos derivacionais e flexionais (cf. *molequinho, carimbada, cochilos* etc. vs. as duas únicas formas derivadas *ebozeiro* e *iorubano*). Se for correto, diremos que a gramática do PB rejeitaria formas como **acarejezada*, **axés*, **pejizinho*, em fase de integração distinto daquele ocorrido com formas das línguas bantas. Pesquisas de campos em comunidades remanescentes de quilombos detectam a presença de vestígios de línguas bantas como o quicongo, quimbundo e umbundo (cf Petter, 2000).

2. Documentos sobre a presença de LA no Brasil

Com documentação lingüística escassa, as LA que vieram para o Brasil durante três séculos, cobrindo uma extensão de trezentas línguas na África, ficaram reduzidas apenas a um repertório lexical integrados pela convivência com o PB em senzalas, casas grandes, quilombos e espaços comerciais. Assim, elas eram utilizadas em ambientes favoráveis à variedade oral da colônia, onde as descrições se limitavam à elaboração de vocabulários.

Dentre os documentos de valor metalingüístico, destacam-se a gramática do quimbundo, de Pedro Dias (1697), a transcrição de diálogos, frases e campos semânticos de um falar veicular, a chamada *língua geral de Mina*, de Antônio Peixoto (escrita entre 1731 e 1741), o quadro sinóptico escrito por Nina Rodrigues de cento e vinte e duas palavras de cinco línguas faladas correntemente na Bahia (1890) e o atlas de Adrien Balbi, de 1826, onde se listam vinte e seis palavras recolhidas por Rugendas junto a escravos falantes de três línguas bantas. Observações impressionistas de Serafim da Silva Neto (1950), Renato Mendonça e Jacques Raimundo (1933) revelam precipitação ao descrever fatos como influências (cf. *dalé*, por 'darei' e *tá bom*, por 'está bom').

Quanto às obras lexicográficas de grande alcance popular, como os dicionários *Aurélio 2000* e *Houaiss 2001*, observa-se um descompasso com as pesquisas sobre LA no Brasil, reproduzindo equívocos metodológicos e conceituais de obras etimológicas anteriores, como o de Nascentes (1932) e o de Cunha (1982). É freqüente o registro de informações etimológicas duvidosas, a polarização da presença africana no Brasil em "quimbundo" e "iorubá" e a falta de referência aos domínios de uso do termos. Em vocabulários especializados, como o *Dictionary of African borrowings in Brazilian Portuguese*, observa-se a multiplicação do número de verbetes, assinalando a polissemia de termos ao mesmo tempo em que exclui palavras africanas reconhecidas pelos textos consultados (cf. *abada*, *afonjá*) e acrescenta tupinismos como *beiju* e *tipóia*.

3. *Corpus* de amostragem

Nessa comunicação, o *corpus* apresentado é composto de palavras reconhecidamente de LA. Os termos à esquerda aparecem em sua forma original conforme as obras lexicográficas. Os diacríticos sobre as vogais representam tons pontuais fonológicos das línguas: grave (∃) para tom baixo, agudo (≅) para tom alto e (^) para modulado alto e baixo À direita, registram-se as formas já adaptadas à ortografia portuguesa.

(1) αρυανδα > λυανδα
(2) αδαηυ) > αδαρρυμι
(3) βàτάκπâ > ωαταπά
(4) àκλà (+ φé) > αχαραφé
(5) νζυμβι > ζυμβι /ζομβι
(6) ζùμβι > ζυμβι

(7) ε≅β□∃ > εβó
(8) εβô > εβô
(9) καφυστε > χαφιστο
(10) μβαλανγανγα > βαλαγανδã
(11) κπε≅δΖι≅ > πεφι
(12) κανδομβελε > χανδομβλé

O processo de integração deu-se gradualmente, facilitado pelas formas equivalentes das LA à estrutura fonológica do PB. No nível segmental, as vogais se adaptaram sem problemas, conservando até mesmo os timbres (aberto e fechado) como aparecem em (7) e (8).

Os supra-segmentos foram reinterpretados e assimilados pelo acento português: o tom alto passou a ser utilizado como acento tônico.

As consoantes oclusivas labiovelares /κπ/ e /γβ/ desvelarizam-se, tornando-se bilabiais oclusivas em PB, assim como a africada /δZ/ simplifica-se em palato-alveolar /Z/ (cf. 11).

Sabe-se que em quicongo o fonema /ρ/ pode se realizar como /λ/.No quimbundo, /ρ/ só ocorre diante de vogais altas anteriores (uma seqüência como /ρυ/ seria agramatical). Em chócue (falado ao nordeste de Angola), existem as duas realizações, o que poderia indicar em PB uma extensão desse uso, conforme (1).

Em (2), verificou-se que a representação gráfica "h" na verdade era de um som que Bonvini interpreta como a fricativa velar sonora /⊗/, transformada em PB em fricativa glotal surda /η/, portanto teria ocorrido um processo de ensurdecimento da consoante intervocálica.

(3) mostra uma tendência a reconstituir um princípio não marcado do padrão silábico CV, recorrente nas línguas do *phylum* Níger-Congo e em português. (5) e (10) mostram a mesma força genérica ao impedir os ataques complexos agramaticais em PB (* mba, *nzum).

Se "cafioto" (9) teria surgido por analogia com as variantes brasileiras "fio" e "filho", ainda se demandam maiores estudos e análises para uma afirmação categórica.

4. Considerações finais

As transformações fonético-fonológicas de termos de LA no Brasil realizaram-se geralmente com base no sistema do português brasileiro durante a fase de aprendizado por parte do falante estrangeiro. Como o encontro entre os sistemas parece ter se dado facilmente pela semelhança de alguns traços das línguas, os antigos estrangeirismos foram se adaptando à língua do dominador sem grandes problemas.

Assim, nota-se a inclinação ao uso de sílabas abertas, à extensão do padrão CV e a alternância entre /λ/ e /ρ/ existentes em PB seriam facilitadores para a manutenção de formas de LA. Não deixa de ser notável também a presença desses fenômenos na fala popular do PB atual e na representação estereotipada da fala do africano na imprensa do século XIX: "esperá", "calô", "metá". O padrão CV, a alternância /λ/ e /ρ/ o ieísmo e a realização da fricativa palato-alveolar sonora no lugar da fricativa alveolar sonora também eram índice dessa fala segundo a percepção da imprensa da época: "afiricano",

“ministoro”, “reculutamento”, “Zuão”, “Zuaquim” (por “João” e “Joaquim”), “trabaiá”, “êre” (por “ele”) (apud Petter, 2000)

Esses dados ainda devem ser avaliados juntamente com os resultado de outras análises, o que estabeleceria um conhecimento mais firme de LA no Brasil e da própria constituição da gramática fonológica do PB. Numa etapa posterior dos estudos, após um refinamento de coleta, análise, descrição, e explicação no quadro de uma teoria fonológica poderia auxiliar os estudos africanistas na elucidação dos fenômenos durante o contato entre LA e PB.

RESUMO: o objetivo desse artigo é apresentar alguns fenômenos fonético-fonológicos causados pelo contato de línguas africanas com o português brasileiro e trazer à discussão a especificidade desta língua nos estudos de lingüística africana.

PALAVRAS-CHAVE: *línguas africanas; contato lingüístico; fonologia; português brasileiro*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJAYI, Tayo Julius. *O ioruba em contato com o português no Brasil*. Tese de doutoramento, Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

BOLOUVI, Philippe Lébéné. *Nouveau dictionnaire etymologique afro-brésilien*. Lome: Presses de l'Université du Benin, 1994.

BONVINI, E. & PETTER, M.M.T. *Portugais du Brésil et langues africaines. Langages*, 130, Paris: Larousse, 1998.

CACCIATORE, O.G. *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. RJ: Forense, 1977

CUNHA, A.G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, 2.ed. RJ: Nova Fronteira, 1982.

GREENBERG, J. *The languages of Africa*. Bloomington: Indiana University Press, 1963.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. RJ: Editora Objetiva, 2001.

LOPES, N. *Dicionário banto do Brasil*, RJ: Secretaria Municipal de Cultura, 1933-1995.

MACHADO, J.P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 3 ed., Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

MENDONÇA, R. *A influência africana do português do Brasil*. RJ: Sauer, 1933.

MISSIONÁRIOS DA CIA. DE JESUS. *Dicionário cinyanja-português*. Lisboa: Imprensa Portuguesa, 1963.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. RJ: Francisco Alves, 1932.

PESSOA DE CASTRO, Y.P. *A herança banto e suas recriações*. Wolfgang Dopcke (org.) Crises e reconstruções. Brasília: L.G.E., 1998.

_____ *De l'intégration des apports africains dans les parlers de Bahia au Brésil*. 2 vol, tese de doutorado, Université Nationale du Zaïre, 1976.

_____ *Falares africanos na Bahia*. Topbooks, Rio de Janeiro, 2001.

PETTER, M.M.T. *Talvez sejam africanismos*. Estudos lingüísticos XXIX – GEL – Grupo de estudos lingüísticos do Estado de São Paulo. V.1: 713-8, 2000.

_____. *Termos de origem africana no léxico do português do Brasil*. In: NUNES, J. H. e PETTER, M.M.T. (ORG.) *História do saber lexical*. SP: Humanitas/FFLCH/USP:Pontes, 2002.
RODRIGUES, R.N. *Os africanos no Brasil*. Revisão e prefácio de Homero Pires. Notas bibliográficas de Fernando Sales. SP: Cia. Editora Nacional, 1977 [1890].
SCHNEIDER, J.T. *Dictionary of African Borrowings in Brazilian Portuguese*, Hamburg: Helmut Buske, 1991.